

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO

Gabriel Moreira de Melo

OS CORPOS AINDA ESTÃO EM CASA:
A TRAGÉDIA DE GUSTAVO PISSARDO

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP, 2025

GABRIEL MOREIRA DE MELO

OS CORPOS AINDA ESTÃO EM CASA:

A TRAGÉDIA DE GUSTAVO PISSARDO

Relatório apresentado para o Trabalho de
Conclusão de Curso, Curso de Jornalismo, da
Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador: Frediano Cunha dos Santos.

São José dos Campos - SP, 2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Melo, Gabriel Moreira

Os corpos ainda estão em casa : A tragédia de Gustavo Pissardo / Gabriel Moreira Melo; orientador, Frediano Cunha dos Santos; co-orientador Guilherme Codazzi da Costa. - São José dos Campos, SP, 2025.

200 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos. Jornalismo .

Inclui referências

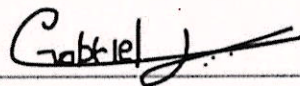
1. Jornalismo . 2. Caso Gustavo Pissardo. I. Cunha dos Santos, Frediano, orient. II. Codazzi da Costa, Guilherme , co-orient. III. Universidade do Vale do Paraíba. Jornalismo . IV. Título.

Eu, Gabriel Moreira Melo, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 8 de Dezembro de 2025.



Autor(a) da Obra

Data da defesa: 02 / 12 / 2025

AC 232671

“O que é melhor? Nascer bom, ou vencer sua natureza perversa por meio de um grande
esforço?”

(Paarthurnax, The Elder Scrolls V: Skyrim)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo apoio ao longo desta jornada. À minha avó, pelas orientações práticas que contribuíram para minha formação. Ao meu avô, cujo falecimento há um ano criou um vazio imensurável em minha alma, mas cujas contribuições permanecem presentes através de seus ensinamentos objetivos e visão pragmática. À minha namorada Olga Maria, que durante anos me acompanha na jornada deste projeto e me auxilia diretamente e indiretamente.

Aos meus professores, todos aqueles que passaram pela minha construção de carreira, e deixaram uma parte de seus mundos na pessoa que me torno, em especial o professor Frediano Cunha e a professora Elizabete Kobayashi, que se destacaram no curso de jornalismo e na arte de lecionar, me inspirando a buscar ser um pouco como eles. Tanto no meio acadêmico, como pessoal.

Aos colegas de profissão, em especial aos profissionais do jornalismo investigativo, cujos trabalhos serviram como referência para a abordagem adotada. Devo grande parte de minha construção como jornalista ao meu saudoso período como estagiário no jornal Ovale, onde tive imensas oportunidades de aprender na prática a rotina do jornalismo diário, e em especial, agradeço a confiança cedida a ajudar testar temas que eram do meu interesse em colunas do portal.

Impossível esquecer também dos meus caríssimos colegas e amigos que construí na Rede Vanguarda, onde poderia passar inúmeras linhas dissertando sobre a força de vontade do Chefe de Redação Ricardo Guedes, e do Editor chefe Rafael Viana, que sempre estavam dispostos a colaborar com o aprendizado dos estagiários, dentro e fora da TV.

Ao jornalista Guilherme Codazzi, editor-chefe do Jornal Ovale, pela oportunidade de desenvolver habilidades práticas no campo do jornalismo durante meu período na redação, e principalmente, por me inspirar a seguir um caminho investigativo desde a primeira palestra que tive oportunidade de assistir no meu primeiro ano de curso. A atuação de Guilherme no meio investigativo me inspirou a trilhar meu caminho.

Não poderia deixar de agradecer aos meus entrevistados, em destaque o jornalista Isnar Teles, que colaboraram com as pesquisas, com muito profissionalismo, ética e humanidade.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a produção de um livro-reportagem sobre a história que marcou uma geração na década de 1990, movimentando o imaginário popular. O fato trata-se de um crime feito por um jovem até então descrito por seus conhecidos como pacífico e sem motivações para cometer tal ato. O trabalho tem como objetivo contar a história de Gustavo Pissardo, mostrando como seus crimes impactaram a cidade de São José dos Campos, e quais fatores levaram o estudante a matar pai, mãe, irmã e avós.

Palavras-chave: Crime Real. Jornalismo. Homicídio. Violência Familiar. Gustavo Pissardo.

ABSTRACT

The objective of this work is to produce a reportage book about an event that marked a generation in the 1990s, capturing the public imagination. The event is a crime committed by a young man who was previously described by those who knew him as peaceful and without motives to commit such an act. This work aims to tell the story of Gustavo Pissardo, illustrating how his crimes impacted the city of São José dos Campos and what factors led the student to murder his father, mother, sister, and grandparents.

Keywords: True Crime. Journalism. Homicide. Family Violence. Gustavo Pissardo.

AUTOR

Meu nome é Gabriel Moreira de Melo, sou natural de São José dos Campos, interior de São Paulo. No momento de escrita deste relatório, sou estudante do último ano de Jornalismo na Universidade do Vale do Paraíba.

Comecei a escrever meu primeiro livro aos 15 anos, em 2018, publicando-o após quatro anos, em 4 de julho de 2022. Minha primeira obra foi uma trama política chamada “Igualdade de Mérito”, uma distopia retrofuturista, que tem como tema principal a polarização política e o radicalismo. Tenho uma grande paixão pela escrita, principalmente quando existem oportunidades de tratar de temas sérios, através de histórias fictícias, podendo conduzir realidade e ficção lado-a-lado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carteira de Maria Paula.	17
Figura 2 – Carteira de Adelaide Pissardo	17
Figura 3 – Carteira de Gumercindo Pissardo	18
Figura 4 – Casa de Gustavo após o descobrimento do caso	19
Figura 5 – Gustavo Pissardo após confessar seus crimes.....	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. CRIMES REAIS E O FASCÍNIO PÚBLICO: A CULTURA DO TRUE CRIME	13
2.1.2. O IMPACTO SOCIAL DE CRIMES FAMILIARES	14
2.2. PSICOLOGIA CRIMINAL: MOTIVAÇÕES OCULTAS	14
2.2.1. O PERFIL DO ASSASSINO "INVISÍVEL"	15
2.2.2 A NOITE DO CRIME	16
2.2.3 MATOU CINCO E FOI A PRAIA	19
2.2.4 PRISÃO E DEPOIMENTO	20
3 CONTRIBUIÇÃO PARA O JORNALISMO INVESTIGATIVO	21
3.1. O JORNALISMO INVESTIGATIVO COMO FERRAMENTA DE APURAÇÃO DA VERDADE	22
3.2. CONCEITUANDO O JORNALISMO INVESTIGATIVO	23
3 3. BREVE HISTÓRICO: DAS ORIGENS AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS	24
3.4. METODOLOGIAS E TÉCNICAS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO	25
3.5. A IMPORTÂNCIA SOCIAL DO JORNALISMO INVESTIGATIVO	26
3.6. DESAFIOS E DILEMAS ÉTICOS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO	27
3.7. O FUTURO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO: INOVAÇÕES E PERSPECTIVAS	29
3.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: JORNALISMO INVESTIGATIVO E A BUSCA PELA VERDADE	30
4 PERFIL DE GUSTAVO PISSARDO	31
4.1. ASPECTOS PSICOLÓGICOS E PSIQUIÁTRICOS	33
5 METODOLOGIA	35
5.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA	36
5.2. PESQUISA DOCUMENTAL	36
5.3. ENTREVISTAS	37
5.4. OBSERVAÇÃO DE CAMPO	37
5.5. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE FONTES	38
5.6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	38
5.7. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	39
6 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	39
7 PLANEJAMENTO PRELIMINAR DA PEÇA JORNALÍSTICA	40
7.1. CONCEITO EDITORIAL	40

7.2. ESTRUTURA DO LIVRO	40
7.3. ABORDAGEM NARRATIVA.....	43
7.4. RECURSOS ESTILÍSTICOS E JORNALÍSTICOS	43
7.5. QUESTÕES ÉTICAS E EDITORIAIS.....	44
7.6. PÚBLICO-ALVO E DISTRIBUIÇÃO	45
7.7. CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO.....	45
7.8. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	46
7.9. PRÉ-ORÇAMENTO	48
8 TRAJETÓRIA PRISIONAL	49
8.1. FASE INICIAL: CASA DE CUSTÓDIA DE TAUBATÉ (1994-2001).....	49
8.2. FASE INTERMEDIÁRIA: PRESÍDIOS DE PRESIDENTE VENCESLAU E TUPI PAULISTA (2001-2008).....	50
8.3. PROGRESSÃO PARA REGIME SEMIABERTO: PENITENCIÁRIA DE MIRANDÓPOLIS (2008-2014).....	50
8.4. PROGRESSÃO PARA REGIME ABERTO: SOROCABA (2014-PRESENTE)....	51
8.5. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA PRISIONAL.....	51
9 REPERCUSSÃO MIDIÁTICA E SOCIAL.....	52
9.1. COBERTURA MIDIÁTICA INICIAL (1994-1995)	52
9.2. COBERTURA DO JULGAMENTO E CONDENAÇÃO (1995-1998)	53
9.3. COBERTURA POSTERIOR E REVISITAÇÕES PERIÓDICAS (1998- PRESENTE).....	53
REFERÊNCIAS	60
ANEXO – FICHAS DE ORIENTAÇÃO MENSAL	

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório visa explorar todos os processos e informações necessárias para a realização de um livro-reportagem sobre o caso criminal de Gustavo Pissardo (então com 21 anos), ocorrido em 1994, quando o estudante executou o pai, mãe e irmã em São José dos Campos, e seus avós em Campinas. A decisão do tema se trata de um fascínio pelo mistério do fato ter ocorrido, que perdura até hoje, e intrigou diversas pessoas por sua complexidade e até mesmo um de seus psiquiatras. Ao meu ver, o caso Pissardo recebeu menos atenção midiática do que outros crimes familiares, apesar de sua complexidade psicológica. O caso se torna merecedor de certo holofote por gerar debate sobre o que leva um jovem até então visto como inocente e gentil, por aqueles que o conheciam, a se tornar um homicida. Ao decorrer do relatório, o leitor poderá ver as formas de pesquisa sobre o caso, para o melhor entendimento possível diante da situação.

A pesquisa sobre o caso de Gustavo Pissardo utiliza uma abordagem qualitativa, fundamentada em análise documental e entrevistas com pessoas relacionadas diretamente ou indiretamente com o caso e seu impacto, com o objetivo de compreender as motivações do crime, os desdobramentos sociais e institucionais, e o impacto em São José dos Campos. Essa abordagem permite explorar as nuances do comportamento criminoso de Pissardo e os fatores que o influenciaram.

1.2. OBJETIVOS

O principal objetivo deste livro-reportagem é relembrar uma história que de certa forma foi esquecida e não é mais discutida do que casos criminais como de Suzane Von Ritchtofen, Elize Matsunaga e outros casos famosos. O caso de Pissardo, mesmo que trágico, tem uma profundidade psicológica muito maior do que esses casos, por justamente não terem sido encontradas motivações concretas que poderiam levar uma pessoa como ele a cometer tais atos.

No decorrer do trabalho, devem-se ser postas em cheque situações cotidianas que se criaram na mentalidade de cidadãos comuns após o fato, fazendo com que pessoas inocentes analisassem seus próprios perfis, olhando por um assassino mortal interior; temendo a si próprio e até seus familiares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo abordará conceitos fundamentais para embasar a pesquisa, incluindo a relação entre sociedade e crimes reais (true crime), a psicologia do comportamento criminoso (com foco em casos sem motivação aparente) e o livro-reportagem como ferramenta jornalística para explorar histórias complexas.

As fontes utilizadas incluem artigos científicos, reportagens, livros especializados e entrevistas com especialistas.

2.1. CRIMES REAIS E O FASCÍNIO PÚBLICO: A CULTURA DO TRUE CRIME

O interesse por crimes reais não é recente.

“As raízes do true crime em si podem ser encontradas no século XV com a invenção da imprensa. Naquela época eram comuns as execuções públicas de criminosos, principalmente pela força. Com a invenção da máquina de impressão por Gutenberg, por volta de 1439, comerciantes da área começaram a fabricar e vender cartazes que eram exibidos durante as execuções e detalhavam os crimes cometidos. Esses cartazes geraram um negócio lucrativo e acabaram mudando de forma, tornando-se panfletos que alcançavam um público muito maior do que o presente na execução. Esse tipo de leitura se tornou muito “querida” pelo clero, que enxergavam nessas histórias uma narrativa moral a ser passada adiante para os fiéis.” (DARK SIDE, 2022)

Tendo isso em mente, sabemos que narrativas sobre assassinatos e mistérios criminais sempre capturam o imaginário popular, seja por curiosidade ou por busca por justiça. No Brasil, casos como os de Suzane von Richthofen e Elize Matsunaga ganharam notoriedade midiática, enquanto outros, como o de Gustavo Pissardo, permanecem à margem do debate público, apesar de sua complexidade psicológica

e moral.

O caso Pissardo, embora pouco lembrado hoje, em comparação a casos semelhantes, é um exemplo clássico de como crimes sem motivação aparente desafiam as narrativas tradicionais do gênero por quebrarem a estrutura clássica de "culpado-vítima-justiça" que o gênero costuma adotar.

O caso Pissardo não oferece necessariamente um arco satisfatório. Com uma linha de “crime, investigação, descoberta do culpado e motivações e punição”, o arco de sua história não traz a motivação do crime, deixando um vazio interpretativo que contradiz a expectativa do público por respostas, já que ele até o momento de escrita deste trabalho, nunca se posicionou midiaticamente sobre o tema. Além de sempre alegar a psiquiatras não saber o que o levou a cometer os assassinatos.

2.1.2. O IMPACTO SOCIAL DE CRIMES FAMILIARES

Crimes cometidos dentro do núcleo familiar, como o de Pissardo, desafiam noções básicas de confiança e segurança. Costa, Njaine e Schenker (2017) demonstram que uma perda violenta pode impactar a dinâmica das relações familiares, contribuindo para o afastamento e o enfraquecimento de laços familiares.

Em um estudo conduzido por Bussinger e Novo (2008), é destacada a experiência de mães de vítimas de homicídios que após o evento, passaram a se sentir estranhas no meio das pessoas que sempre foram próximas e íntimas, o que as deixou isoladas e com uma sensação de solidão. Também foi observada uma diminuição do desempenho no trabalho e desinteresse por momentos de lazer. (COSTA et al, 2017, n.p)

Além de que, para Costa, Njaine e Schenker (2017), problemas financeiros e econômicos podem passar a acontecer após uma morte violenta dentro da estrutura familiar, principalmente se a vítima foi um importante provedor para a renda da família.

2.2. PSICOLOGIA CRIMINAL: MOTIVAÇÕES OCULTAS

Marco Antônio Vitti, psiquiatra e psicoterapeuta de orientação junguiana, tratou de Gustavo Pissardo após a tragédia que botou fim em sua família. Em seu livro “A Longa Noite do Suicídio de uma Alma”, Vitti fala sobre o caso Pissardo, e conta que o próprio assassino dizia não saber o que o levou a cometer seus crimes.

De acordo com o psiquiatra, o jovem o pedia que descobrisse o que fez com que ele pegasse o revólver calibre .32, atirasse na cabeça de sua irmã, de sua mãe, seu pai e seus dois avós. Pissardo, apenas sabia o motivo de ter tentado tirar a própria vida, mas o medo da morte foi mais forte do que o medo de viver e lidar com as consequências.

2.2.1. O PERFIL DO ASSASSINO "INVISÍVEL"

Pissardo foi descrito como um jovem "gentil" e "inofensivo" antes do crime, o que contradiz a brutalidade e frieza de seus atos. Na obra de Marco Vitti, pessoas que eram conhecidas de Gustavo o descrevem como “uma das pessoas mais tranquilas possível, meigo e que até mesmo nunca foi visto se metendo em uma discussão ou briga”.

A passividade de Gustavo foi motivo de surpresa e até dúvida para amigos, colegas e outros de seus familiares quando as notícias de seus crimes tomaram as manchetes de diversos jornais. Vitti destaca em seu livro, que repórteres o questionavam se qualquer pessoa “comum”, assim como Pissardo, poderia ser um assassino em potencial, e isso se tornou uma espécie de questionamento entre algumas famílias joseenses da época.

Além da tranquilidade pré crime, Gustavo agiu com total normalidade após matar sua família, indo ao shopping Centervale comprar roupas para ir a praia com sua namorada, com quem passou o fim de semana sem levantar suspeitas.

De acordo com Canani, Santos, Lopes, Andrade e Oliveira 2008):

No contexto dos homicidas, inserem-se os núcleos familiares e sua dinâmica de funcionamento, sendo que eles estão intrinsecamente relacionados na construção da identidade física e psíquica dos indivíduos.

Diversos estudos apresentados na publicação de Krug et al. (2003) apontam alguns fatores intrafamiliares que

contribuem para determinar a violência: vínculos afetivos deficientes, falta de outros apoios sociais, castigos e abuso físico/sexual severo e prolongado, e negligência no cuidado com os filhos.

A falta de afeição, a auto-imagem deteriorada, a dificuldade de relações familiares e a orientação voltada para a violência são consideradas variáveis centrais na discussão dos comportamentos de riscos. A dinâmica da violência, repleta de desvalorização, conduz a uma diminuição da confiança nas próprias percepções.

Dentre as informações atualmente disponíveis, Pissardo e seus irmãos tinham uma relação familiar aparentemente saudável, e o próprio jovem não citou qualquer tipo de abuso, negligência ou ação violenta vinda de qualquer familiar em nenhum momento de suas consultas com Marco Vitti. A família de Gustavo era descrita como amorosa e unida, o que dá mais complexidade para buscar uma real motivação para os assassinatos.

2.2.2 A NOITE DO CRIME

No dia 29 de setembro de 1994, por volta das 22h30, Gustavo reclamava de uma forte dor de cabeça. Seu pai, Gumercindo Pissardo, 46 anos, mecânico de manutenção da General Motors, o levou ao Hospital Policlin, a 15 km de casa. Os médicos receitaram Lisador, um analgésico comum, e ambos retornaram para casa no bairro Bosque dos Eucaliptos, zona sul de São José dos Campos.

Às 2h da madrugada, o pesadelo começou. Gustavo acordou, pegou o revólver calibre 32 do pai e foi até o quarto onde sua mãe, Adelaide, 49 anos, e sua irmã caçula, Maria Paula, 18, assistiam à televisão. Com tiros precisos na cabeça, executou as duas. Primeiro, a irmã, com dois tiros, depois sua mãe, com apenas um. O barulho fez Gumercindo correr para o quarto. Ao ver a cena, tentou fugir, mas Gustavo atirou em sua nuca. Em menos de cinco minutos, quase toda sua família foi liquidada. Pissardo colocou o revólver em sua boca e engatilhou, mas não teve forças para puxar o gatilho mais uma vez.



Carteira da Associação Desportiva General Motors de Maria Paula

Fonte: TV Vanguarda



Carteira da Associação Desportiva General Motors de Adelaide Pissardo

Fonte: TV Vanguarda



Carteira da Associação Desportiva General Motors de Gumercindo Pissardo

Fonte: TV Vanguarda

O que se seguiu foi uma sequência de ações meticolosas e contraditórias. Gustavo tentou simular um latrocínio: colocou uma televisão, um aparelho de som e um videocassete na camionete C-20 branca da família – itens que mais tarde jogaria num rio. Mas seu comportamento destoava de um ladrão comum, Pissardo cobriu os corpos com cobertores, apagou todas as luzes da casa e, inexplicavelmente, deixou R\$ 30,00 sobre a mesa da sala.

Às 4h da madrugada, já com os primeiros raios de sol anunciando o novo dia, Gustavo iniciou uma viagem de 140 km até Campinas. Seu alvo: os avós paternos, João, 74 anos, e Antônio, 64. Chegando lá, contou calmamente o que havia feito. Os idosos, mesmo incrédulos, não reagiram com pânico. Gustavo confessou estar com fome, e então dona Antônio foi preparar ovos fritos ao neto, que ficou na sala com o avô. Após a tentativa de convencê-los da chacina, João decidiu fazer um telefonema. Temeroso de que seu avô chamasse a polícia, Pissardo executou João com um tiro na cabeça. Em seguida, foi até a cozinha e repetiu o gesto com a avó. A precisão dos disparos não era acaso – como ex-monitor de tiro do Exército, Gustavo sabia mirar.

Ainda em Campinas, Pissardo pretendia ir à casa de seus tios, Joaquim e Maria Helena, onde pretendia matá-los e seus dois primos. O que não concretizou e decidiu seguir seu caminho. Na volta a São José, parou na Rodovia D. Pedro e jogou no rio os objetos "roubados" e a arma do crime.

2.2.3 MATOU CINCO E FOI A PRAIA

Às 10h da manhã, já com cinco corpos deixados para trás, Gustavo foi ao Shopping CenterVale, onde comprou duas bermudas e comeu um cachorro-quente. Às 13h, buscou a namorada, Maria Cristina, 21 anos, com quem mantinha um relacionamento há cinco meses. Foram juntos, Gustavo, Maria, seu sogro e cunhado, onde viajaram para Caraguatatuba, no litoral norte. Durante todo o fim de semana, agiu com naturalidade, sem levantar suspeitas de ninguém. Para a namorada, Gustavo não disse nada. “Durante o fim de semana, Gustavo estava tranquilo”, disse Maria Cristina, em depoimento à polícia.

Na manhã de 3 de outubro de 1994, Gustavo Pissardo retornou a São José dos Campos após o fim de semana em Caraguatatuba. Ao entrar na casa da família, lembrou-se que os corpos ainda estavam em casa e não haviam sido descobertos. Sentou-se no sofá da sala e começou a chorar compulsivamente. O choro foi ouvido por um vizinho, que imediatamente acionou a polícia.



A casa de Gustavo após o descobrimento dos homicídios. Fonte: TV Vanguarda

Enquanto isso, os corpos dos avós já haviam sido encontrados na noite anterior em Campinas pela tia Maria Helena. A polícia começava a conectar os fatos: a camionete branca da família havia sido avistada perto da casa dos avós no horário dos crimes, e as balas recuperadas eram compatíveis com o revólver calibre .32 que pertencia ao pai de Gustavo.

2.2.4 PRISÃO E DEPOIMENTO

Na madrugada de 4 de outubro, Gustavo foi levado à delegacia para novo interrogatório. Inicialmente manteve sua versão - de que havia encontrado os pais mortos ao retornar da viagem. Porém, diante das evidências acumuladas, acabou confessando.



Gustavo Pissardo após confessar seus crimes. Fonte: TV Vanguarda.

Em depoimento detalhado que durou cerca de duas horas, Gustavo reconheceu ter cometido todos os assassinatos. Descreveu os fatos com clareza, mas sem conseguir explicar seus motivos. "Quando a lembrança vinha, dava desespero", disse em determinado momento. Ao final, resumiu: "Acabou a minha vida e acabou a vida da minha família."

Seu irmão Adriano, de 19 anos, que não estava em casa na noite dos crimes, tornou-se o único sobrevivente direto da família. Optou por não se manifestar publicamente sobre o caso.

No dia 6 de dezembro, o juiz Joaquim Figueira do Nascimento decretou a prisão preventiva de Gustavo, determinando também sua transferência para o Hospital Psiquiátrico Chuí, lá, Gustavo foi diagnosticado com um grave surto psicótico pelo médico Hélio de Souza Lima.

No Chuí, Gustavo ficou amarrado à uma cama para que não atentasse novamente contra a própria vida, e lá repetia que não entendia o que havia acontecido. Os médicos descartaram que o Lisador pudesse ter causado tal reação – ele teria que ingerir 20 vezes a dose para ter efeitos alucinógenos.

3 CONTRIBUIÇÃO PARA O JORNALISMO INVESTIGATIVO

A produção de um livro-reportagem sobre o caso Gustavo Pissardo representa uma contribuição significativa para o jornalismo investigativo brasileiro, especialmente no subgênero do true crime por diversas razões. Em primeiro lugar, o trabalho busca resgatar e organizar informações dispersas sobre um caso complexo, criando um registro abrangente e acessível.

Ao reunir dados de diferentes fontes, incluindo reportagens da época, documentos judiciais e entrevistas com profissionais envolvidos, o livro-reportagem contribui para a preservação da memória jornalística e para a documentação histórica de um caso significativo.

A abordagem adotada no livro-reportagem também busca superar limitações comuns na cobertura jornalística de crimes. Enquanto a cobertura diária frequentemente pode se concentrar nos aspectos mais sensacionalistas (lê-se: atrativos ao público) e imediatos, o formato de livro-reportagem permite uma contextualização mais ampla, uma análise mais profunda das circunstâncias e uma exploração mais nuançada das questões psicológicas, sociais e jurídicas envolvidas. O trabalho também contribui para o desenvolvimento de uma abordagem ética no jornalismo de true crime. Busca-se um equilíbrio entre o interesse legítimo pelo caso e o respeito pela memória das vítimas e pelos direitos do condenado.

Evita-se a glamourização do crime ou a exploração sensacionalista do sofrimento, focando-se nos aspectos humanos e nas questões mais amplas que o caso suscita. Além disso, a pesquisa realizada para o livro-reportagem permitiu a compilação de informações sobre os profissionais envolvidos no caso, como delegados, juízes, promotores, advogados e psiquiatras.

Esta documentação não apenas enriquece a narrativa, mas também contribui para o registro histórico do funcionamento do sistema judicial e de saúde mental no Brasil na década de 1990 e subsequentes. Do ponto de vista metodológico, o trabalho demonstra as possibilidades de uma abordagem multidisciplinar no jornalismo investigativo. Ao incorporar elementos de psicologia, criminologia, direito e sociologia, o livro-reportagem oferece um modelo de como o jornalismo pode dialogar com diferentes campos do conhecimento para oferecer uma compreensão mais rica e complexa dos fenômenos sociais. Por fim, ao explorar a ambiguidade sobre a real vontade de Gustavo nos assassinatos, o trabalho contribui para uma reflexão mais sofisticada sobre questões de livre-arbítrio, determinismo psicológico e responsabilidade moral. Estas são questões fundamentais não apenas para o caso específico, mas para a compreensão da criminalidade e da justiça de modo mais amplo.

Conclui-se que a produção deste livro-reportagem se justifica tanto pela relevância intrínseca do caso Gustavo Pissardo quanto pelo potencial de contribuição para o desenvolvimento do jornalismo investigativo e do gênero true crime no Brasil, oferecendo um modelo de abordagem que combina rigor factual, profundidade analítica e sensibilidade ética.

3.1. O JORNALISMO INVESTIGATIVO COMO FERRAMENTA DE APURAÇÃO DA VERDADE

O jornalismo, em sua essência, busca informar a sociedade sobre fatos relevantes, contextualizando eventos e promovendo o debate público. Dentro desse amplo espectro, emerge uma modalidade particularmente crucial e complexa: o jornalismo investigativo. Distinto da cobertura factual diária, o jornalismo investigativo dedica-se a desvendar informações que certos indivíduos ou instituições desejam manter ocultas, expondo irregularidades, injustiças, abusos de poder e verdades inconvenientes. Trata-se de uma prática que exige rigor metodológico, persistência, coragem e um profundo compromisso ético com a busca pela verdade e o interesse público.

Este capítulo explora os fundamentos, a história, as metodologias, a importância e os desafios inerentes ao jornalismo investigativo, contextualizando sua relevância, inclusive, para a compreensão de casos complexos como o de Gustavo Pissardo, onde a apuração aprofundada se faz necessária para ir além das versões oficiais ou superficiais.

3.2. CONCEITUANDO O JORNALISMO INVESTIGATIVO

Definir jornalismo investigativo vai além de simplesmente relatar fatos; implica um processo sistemático e aprofundado de apuração. A Rede Global de Jornalismo Investigativo (GIJN) o descreve como um conjunto de metodologias que envolvem a investigação aprofundada de um tema de interesse público, muitas vezes envolvendo segredos deliberadamente escondidos por aqueles que detêm poder. Não se trata apenas de encontrar uma "bala de prata" ou um furo de reportagem espetacular, mas de um trabalho meticuloso de coleta, análise e verificação de dados, documentos e testemunhos. Como aponta Fortes (2012), a prática se especializa em "desvendar mistérios e fatos ocultos", frequentemente focando em crimes, corrupção política, ou irregularidades corporativas.

É, portanto, uma forma de jornalismo que não se contenta com a superfície, mas que mergulha nas profundezas dos acontecimentos para trazer à luz informações que, de outra forma, permaneceriam na sombra. O objetivo primordial não é apenas informar, mas provocar mudanças, responsabilizar os culpados e fortalecer os mecanismos de controle social e democrático.

Segundo Sequeira (2005), o jornalismo investigativo se diferencia do jornalismo diário por três características fundamentais: a iniciativa da investigação parte do próprio repórter; o tema investigado é de interesse público e alguém tenta impedir que as informações venham à tona; e a reportagem final é resultado de um trabalho extenso de apuração e verificação. Esta definição ressalta o caráter proativo e independente do jornalista investigativo, que não se limita a reagir aos acontecimentos

ou a reproduzir informações oficiais, mas busca ativamente descobrir o que está oculto e compreender as estruturas e dinâmicas subjacentes aos fatos.

3.3. BREVE HISTÓRICO: DAS ORIGENS AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A história do jornalismo investigativo moderno tem raízes profundas, mas ganhou notoriedade global com marcos específicos. Nos Estados Unidos, no início do século XX, os "muckrakers" (literalmente, "remexedores de lama") como Upton Sinclair e Ida Tarbell expuseram as mazelas sociais e a corrupção corporativa, estabelecendo um precedente para o jornalismo como força de reforma social. Contudo, o caso Watergate, na década de 1970, é frequentemente citado como o divisor de águas. A investigação incansável dos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do The Washington Post, sobre o escândalo político que levou à renúncia do presidente Richard Nixon, consolidou o prestígio e a importância do jornalismo investigativo, demonstrando seu poder de fiscalização sobre as mais altas esferas do poder.

No Brasil, a trajetória do jornalismo investigativo também possui marcos importantes, embora muitas vezes permeada por desafios políticos e econômicos. O jornal Correio da Manhã, já na década de 1920, apresentava características investigativas em suas publicações. Durante a ditadura militar (1964-1985), apesar da censura e da repressão, alguns jornalistas e veículos, como o semanário Opinião e, posteriormente, a Folha de S.Paulo, buscaram brechas para publicar reportagens críticas e investigativas. Com a redemocratização, o jornalismo investigativo ganhou novo fôlego. Casos emblemáticos marcaram as décadas seguintes, como a investigação de Caco Barcellos sobre a violência policial da ROTA em São Paulo, publicada no livro Rota 66, que se tornou um marco na denúncia de violações de direitos humanos. Outras investigações de grande repercussão incluíram o escândalo da LBV, a máfia do INSS, o caso Riocentro e, mais recentemente, os esquemas de corrupção revelados pela Operação Lava Jato, que contaram com ampla cobertura investigativa da imprensa nacional e internacional. Esses exemplos demonstram a capacidade do jornalismo investigativo brasileiro de pautar o debate público e expor

graves problemas estruturais da sociedade, mesmo diante de um ambiente muitas vezes hostil.

3.4. METODOLOGIAS E TÉCNICAS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo se distingue por sua metodologia rigorosa e sistemática. Diferentemente da cobertura factual, que muitas vezes se baseia em fontes oficiais e declarações públicas, a investigação jornalística exige um conjunto diversificado de técnicas e abordagens para desvendar informações ocultas ou de difícil acesso. Conforme explica Nascimento (2010), o processo investigativo geralmente começa com a identificação de um tema relevante, seguido pela formulação de hipóteses, coleta extensiva de dados, verificação cruzada de informações e, finalmente, a elaboração de uma narrativa que apresente os resultados de forma clara e impactante.

Entre as principais técnicas utilizadas pelos jornalistas investigativos estão:

- Análise documental, que envolve o exame minucioso de registros públicos, relatórios, processos judiciais e outros documentos oficiais;
- Cultivo e proteção de fontes confidenciais, essenciais para obter informações privilegiadas;
- Observação direta e infiltração, quando o repórter se insere no ambiente investigado para testemunhar em primeira mão as situações denunciadas;
- Uso de bancos de dados e ferramentas de análise quantitativa, cada vez mais importantes na era digital;
- Entrevistas em profundidade com múltiplas fontes, buscando confrontar versões e identificar inconsistências.

Na era digital, novas ferramentas e metodologias têm ampliado o arsenal do jornalismo investigativo. O jornalismo de dados, que combina técnicas tradicionais de reportagem com análise de grandes conjuntos de dados, tem se mostrado particularmente eficaz para identificar padrões e conexões que não seriam evidentes

de outra forma. A colaboração transnacional entre jornalistas de diferentes países, facilitada pela internet, também tem permitido investigações de escopo global, como demonstrado pelos Panama Papers e pelos Paradise Papers, que expuseram esquemas de evasão fiscal e lavagem de dinheiro em escala internacional.

No entanto, como ressalta Lopes (2003), a tecnologia não substitui os fundamentos do bom jornalismo investigativo: a capacidade de formular as perguntas certas, a persistência diante dos obstáculos, o rigor na verificação dos fatos e o compromisso inabalável com a verdade e o interesse público. Estas qualidades continuam sendo a espinha dorsal da prática investigativa, independentemente das ferramentas utilizadas.

3.5. A IMPORTÂNCIA SOCIAL DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo desempenha um papel fundamental nas sociedades democráticas, atuando como um contrapoder que fiscaliza as instituições e expõe abusos e irregularidades. Como defende Waisbord (2000), esta modalidade jornalística contribui para a accountability democrática, pressionando por transparência e responsabilização dos agentes públicos e privados. Ao revelar informações que certos grupos prefeririam manter ocultas, o jornalismo investigativo fortalece o direito do público à informação e promove o debate sobre questões de interesse coletivo.

Historicamente, reportagens investigativas têm sido catalisadoras de importantes mudanças sociais, políticas e institucionais. Investigações jornalísticas levaram à queda de governos, à reforma de sistemas corruptos, à criação de novas leis e políticas públicas, e à responsabilização de poderosos por seus atos. No Brasil, por exemplo, a série de reportagens "Gabinete do Ódio", publicada pelo jornal Folha de S.Paulo em 2019, expôs a existência de uma estrutura organizada para disseminar desinformação e ataques coordenados nas redes sociais, levando a investigações oficiais e a um amplo debate sobre o uso de táticas digitais para manipulação da opinião pública.

Além de seu impacto direto em termos de mudanças concretas, o jornalismo investigativo também cumpre uma função simbólica e educativa. Ao expor injustiças e abusos, ele reafirma valores democráticos como transparência, equidade e respeito aos direitos humanos. Ao mesmo tempo, educa o público sobre o funcionamento das instituições e os mecanismos de poder, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e informados.

No contexto de casos criminais complexos, como o de Gustavo Pissardo, o jornalismo investigativo pode oferecer perspectivas e informações que vão além do processo judicial formal, explorando aspectos psicológicos, sociais e contextuais que ajudam a compreender não apenas o que aconteceu, mas também por que aconteceu. Esta abordagem mais holística e aprofundada pode contribuir para uma compreensão mais nuançada de fenômenos sociais complexos, como a violência familiar e os crimes aparentemente inexplicáveis.

3.6. DESAFIOS E DILEMAS ÉTICOS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

Apesar de sua importância, o jornalismo investigativo enfrenta uma série de desafios significativos. Em primeiro lugar, há os obstáculos práticos: investigações aprofundadas exigem tempo, recursos financeiros e humanos, e apoio institucional – elementos cada vez mais escassos no contexto de crise do modelo de negócios da mídia tradicional. Como observa Christofletti (2008), a pressão por resultados imediatos e a redução das equipes nas redações têm dificultado a realização de investigações de longo prazo, que muitas vezes levam meses ou até anos para serem concluídas.

Além disso, jornalistas investigativos frequentemente enfrentam resistência ativa daqueles cujos interesses são ameaçados por suas reportagens. Esta resistência pode se manifestar de diversas formas: desde a negação de acesso a informações e tentativas de desacreditar o trabalho jornalístico, até ameaças, processos judiciais e, em casos extremos, violência física. No Brasil, segundo dados da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), dezenas de jornalistas são ameaçados ou agredidos anualmente em razão de seu trabalho investigativo,

especialmente quando abordam temas sensíveis como corrupção política, crime organizado e violações ambientais.

O ambiente digital também apresenta novos desafios. Se por um lado as tecnologias digitais ampliaram as possibilidades de investigação e disseminação de informações, por outro criaram vulnerabilidades específicas, como a vigilância eletrônica, os ataques cibernéticos e as campanhas coordenadas de desinformação e assédio online contra jornalistas. A proteção de fontes e dados sensíveis tornou-se mais complexa, exigindo conhecimentos técnicos avançados em segurança digital.

No plano ético, o jornalismo investigativo frequentemente se depara com dilemas complexos. Como equilibrar o direito do público à informação com o direito à privacidade dos indivíduos investigados? Quando o uso de métodos controversos, como câmeras ocultas ou infiltração, se justifica em nome do interesse público? Como evitar que a busca por histórias impactantes leve à espetacularização do sofrimento alheio ou à violação de direitos fundamentais? Estas questões não têm respostas simples e exigem reflexão constante por parte dos profissionais e das organizações jornalísticas.

Christofoletti e Karam (2011) argumentam que o jornalismo investigativo de qualidade deve ser guiado por um rigoroso código ético que inclui princípios como:

- Verificação exhaustiva dos fatos;
- Transparência sobre os métodos utilizados;
- Respeito à presunção de inocência;
- Contextualização adequada das informações;
- Consideração das possíveis consequências da publicação.

Estes princípios não são apenas garantias de qualidade jornalística, mas também salvaguardas contra possíveis danos a indivíduos e grupos vulneráveis.

3.7. O FUTURO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO: INOVAÇÕES E PERSPECTIVAS

Diante dos desafios contemporâneos, o jornalismo investigativo tem buscado reinventar-se, explorando novos modelos organizacionais, fontes de financiamento e abordagens metodológicas. Uma tendência significativa é o surgimento de organizações sem fins lucrativos dedicadas exclusivamente ao jornalismo investigativo, como a Agência Pública no Brasil, a ProPublica nos Estados Unidos e o Organized Crime and Corruption Reporting Project (OCCRP) na Europa Oriental. Estas organizações, financiadas por fundações, doações individuais e parcerias institucionais, têm conseguido manter equipes dedicadas a investigações de longo prazo, livres das pressões comerciais que afetam a mídia tradicional.

Outra inovação importante é o jornalismo colaborativo, que reúne repórteres de diferentes veículos e países para trabalhar em investigações complexas que transcendem fronteiras nacionais. O Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), responsável por investigações como os Panama Papers e os Paradise Papers, exemplifica este modelo, demonstrando como a colaboração pode ampliar o alcance e o impacto do jornalismo investigativo na era global.

A tecnologia também tem aberto novas fronteiras para a investigação jornalística. Técnicas como:

3.7.1. Mineração de dados;

3.7.2. Visualização de informações;

3.7.3. Análise de redes sociais;

3.7.4. Uso de inteligência artificial para processar grandes volumes de documentos;

Que tem permitido descobertas que seriam impossíveis pelos métodos tradicionais. O jornalismo de dados, que combina habilidades jornalísticas com competências em estatística e programação, tem se mostrado particularmente promissor para investigações baseadas em grandes conjuntos de dados públicos ou vazados.

No entanto, como ressalta Anderson (2018), a tecnologia por si só não garante um jornalismo investigativo de qualidade. O fator humano – a capacidade de fazer as perguntas certas, de conectar os pontos, de contextualizar as informações e de contar histórias que ressoem com o público – continua sendo essencial. Da mesma forma, valores fundamentais como independência editorial, compromisso com a verdade e serviço ao interesse público permanecem como pilares insubstituíveis da prática investigativa.

O futuro do jornalismo investigativo dependerá, em grande medida, da capacidade da sociedade de reconhecer e valorizar sua contribuição para a democracia e o bem comum. Isto implica não apenas em apoio financeiro – seja através de assinaturas, doações ou políticas públicas de fomento ao jornalismo de interesse público – mas também em suporte social e político para garantir as condições necessárias ao trabalho investigativo, como acesso à informação, proteção legal contra processos abusivos e salvaguardas contra ameaças e violência.

3.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: JORNALISMO INVESTIGATIVO E A BUSCA PELA VERDADE

O jornalismo investigativo representa, em sua essência, um compromisso inabalável com a busca pela verdade, mesmo quando esta se encontra deliberadamente ocultada ou distorcida. Em um mundo cada vez mais complexo e saturado de informações, onde a desinformação e as fake news proliferam, o papel do jornalista investigativo como guardião da verdade factual e defensor do interesse público torna-se ainda mais crucial.

No contexto específico de casos criminais complexos, como o de Gustavo Pissardo, o jornalismo investigativo pode oferecer contribuições valiosas para a compreensão dos fatos e suas implicações sociais mais amplas. Ao ir além das narrativas oficiais e das explicações simplistas, explorando as nuances psicológicas, os contextos sociais e as dinâmicas institucionais envolvidas, o trabalho investigativo

pode ajudar a sociedade a extrair lições significativas de tragédias aparentemente inexplicáveis.

Como argumenta Kovach e Rosenstiel (2014), a função primordial do jornalismo em uma sociedade democrática é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernarem. O jornalismo investigativo, com sua ênfase na revelação de verdades ocultas e na responsabilização dos poderosos, representa a expressão mais pura deste ideal. Ao expor injustiças, questionar autoridades e dar voz aos marginalizados, ele não apenas informa, mas também empodera os cidadãos e fortalece os fundamentos democráticos da sociedade.

Os desafios enfrentados pelo jornalismo investigativo são consideráveis, mas sua importância para a saúde democrática e o bem-estar social justifica os esforços para preservá-lo e fortalecê-lo. Isto requer não apenas o compromisso dos profissionais e organizações jornalísticas com os mais altos padrões éticos e metodológicos, mas também o apoio ativo da sociedade civil, das instituições democráticas e dos cidadãos que valorizam a verdade e a justiça.

Em última análise, o jornalismo investigativo representa uma forma de resistência contra a opacidade do poder e a manipulação da verdade. Em um mundo onde a complexidade crescente dos problemas sociais exige compreensão aprofundada e ação informada, seu papel como farol de esclarecimento e catalisador de mudanças positivas permanece tão vital quanto sempre foi.

4 PERFIL DE GUSTAVO PISSARDO

Gustavo Pissardo nasceu em São José dos Campos, interior de São Paulo, no dia 19 de março de 1973. Na época dos crimes, em setembro de 1994, tinha 21 anos e. O aspecto mais intrigante de seu perfil e que torna o caso particularmente perturbador, é o contraste entre a pessoa que ele era descrito como sendo e os atos brutais que cometeu.

Antes dos crimes, Gustavo era unanimemente referenciado como um jovem tranquilo, gentil e inofensivo. Familiares, amigos, colegas de faculdade e vizinhos expressaram choque e incredulidade ao saber que ele havia assassinado cinco membros de sua própria família. Não havia histórico conhecido de violência,

comportamento agressivo, uso de drogas ou distúrbios psicológicos evidentes que pudessem prenunciar seus atos.

Gustavo vinha de uma família de classe média, aparentemente estável e harmoniosa, pelo menos de forma assim descrita por quem os conheciam, como vizinhos, colegas, amigos e testemunhas. Seu pai, Gumercindo Pissardo, 46, era um profissional respeitado, trabalhava como mecânico de manutenção na General Motors, e sua mãe, Adelaide, 49, cuidava da casa e da família. Além dos pais, as duas pessoas mais presentes na vida de Gustavo eram seus irmãos. Maria Paula, 18, sua irmã mais nova, a qual foi sua primeira vítima. Além da caçula, ele tinha o que declarou ao depoimento psiquiátrico como uma “virada de chave de sua vida”, seu irmão do meio, Adriano Pissardo, que na época tinha 19 anos, era dedicado ao mundo esportivo. Durante os depoimentos ao psiquiatra Marco Antônio Vitti, Gustavo disse que Adriano tirou um peso grande de seus ombros, tirando uma necessidade de ser perfeito aos olhos dos pais, que de acordo com ele, educavam os filhos para serem “modelos” para toda a vizinhança.

A família mantinha boas relações com os avós paternos de Gustavo, João, 74, e Antônia Pissardo, 64, que viviam em Campinas.

No ambiente acadêmico, Gustavo era visto como um estudante mediano, sem problemas disciplinares. Tinha um círculo social normal para sua idade, incluindo uma namorada com quem mantinha um relacionamento aparentemente saudável. Não havia sinais externos de isolamento social, comportamento antissocial ou obsessões preocupantes.

Este perfil de normalidade torna ainda mais enigmático o que ocorreu na madrugada de 29 para 30 de setembro de 1994. Sem qualquer sinal de aviso ou escalada de comportamento violento, Gustavo assassinou seus pais e sua irmã enquanto dormiam, dirigiu até Taubaté para matar seus avós, e depois tentou tirar a própria vida, sem sucesso.

Após os crimes, o comportamento de Gustavo continuou a intrigar investigadores e psiquiatras. Ele não fugiu, não tentou esconder os corpos ou destruir evidências. Nos dias seguintes, antes da descoberta dos crimes, comportou-se com uma normalidade perturbadora: foi à praia com a namorada, participou do velório e enterro de seus familiares, e interagiu socialmente sem demonstrar sinais evidentes de perturbação ou remorso.

Quando interrogado após sua prisão, Gustavo confessou os crimes, mas

afirmou não saber o que o havia levado a cometê-los. Esta alegação de desconhecimento sobre suas próprias motivações seria uma constante nos anos seguintes. Em suas conversas com o psiquiatra Marco Antônio Vitti, Gustavo pediu que o médico descobrisse o motivo de seus atos, como se ele próprio não tivesse acesso a essa informação.

Esta aparente dissociação entre seus atos e sua consciência levantou questões complexas sobre seu estado mental no momento dos crimes e sobre a natureza da responsabilidade moral. Diferentes especialistas propuseram diferentes interpretações: alguns sugeriram um surto psicótico temporário, outros apontaram para a possibilidade de um transtorno de personalidade subjacente que havia permanecido oculto, e outros ainda consideraram a hipótese de uma dissociação profunda entre diferentes aspectos de sua psique.

O que torna o caso Pissardo tão fascinante e perturbador é precisamente esta inexplicabilidade aparente, este abismo entre quem Gustavo parecia ser e o que ele fez.

4.1. ASPECTOS PSICOLÓGICOS E PSIQUIÁTRICOS

O caso Gustavo Pissardo apresenta aspectos psicológicos e psiquiátricos de extrema complexidade, que continuam a desafiar interpretações definitivas mesmo após três décadas. A aparente inexplicabilidade dos crimes, cometidos por um jovem sem histórico de violência ou distúrbios evidentes, levantou questões profundas sobre a natureza da mente humana e os limites de nossa compreensão dos comportamentos extremos.

Durante o processo judicial, diferentes especialistas propuseram diferentes interpretações para o estado mental de Gustavo no momento dos crimes. Algumas das principais hipóteses incluíram:

1. **Surto psicótico temporário:** O psicólogo e terapeuta de adolescentes Ruy de Mathis, 42, declarou a Folha de São Paulo em uma entrevista da época, que Gustavo poderia ter sofrido um episódio psicótico breve, durante o qual perdeu contato com a realidade e agiu sob influência de delírios ou alucinações. Segundo Mathis, há um processo de esquizofrenia –de divisão– onde o indivíduo que cometeu o crime não é o mesmo que foi à praia depois, isto do ponto de vista da psicodinâmica.

Esta hipótese, no entanto, é complicada pelo comportamento aparentemente organizado e deliberado de Gustavo durante os crimes (dirigir 140 km até Taubaté para matar os avós) e pela ausência de sintomas psicóticos evidentes antes ou depois dos assassinatos.

2. **Esquizofrenia:** O psiquiatra Hélio Alves de Souza, do hospital psiquiátrico Chuí, onde Gustavo Pissardo foi internado apontou que o estudante, ficou sob efeito de sedativos e a primeira avaliação do quadro clínico de Pissardo foi para uma possível esquizofrenia.

3. **Dissociação profunda:** Uma terceira linha de interpretação dada pelo relato do estudante a Marco António Vitti, sugere que Gustavo poderia ter experimentado um estado de dissociação profunda, no qual partes de sua personalidade ou consciência se separaram, permitindo que ele cometesse atos que seriam normalmente incompatíveis com sua autoimagem e valores conscientes.

4. **Simulação:** Não se pode descartar completamente a possibilidade de que Gustavo estivesse simulando desconhecimento de suas motivações como estratégia de defesa, embora a consistência de seu comportamento ao longo dos anos torne esta hipótese menos provável.

Pissardo teria mandado fabricar uma peça que teria sido usada como silenciador, que não chegou a ser usada durante os crimes. A peça foi fabricada por um professor do curso de mecânica da Etep (Escola Técnica Professor Everardo Passos), em São José, onde Pissardo estudou. Segundo a polícia, isso comprova que os crimes foram premeditado.

O psiquiatra Marco António Vitti, que acompanhou Gustavo extensivamente após os crimes e escreveu o livro "A Longa Noite do Suicídio de uma Alma" sobre o caso, desenvolveu uma interpretação particular. Segundo relatos sobre seu trabalho, Vitti sugeriu que Gustavo poderia ter experimentado uma forma de "suicídio da alma", em que aspectos fundamentais de sua identidade e conexão com o mundo foram destruídos internamente, levando-o a eliminar aqueles que representavam suas conexões mais próximas – sua família.

Um aspecto particularmente intrigante do caso é o comportamento de Gustavo após os crimes. Sua aparente normalidade – ir à praia com a namorada, participar do velório e enterro dos familiares – sugere uma capacidade de compartimentalização psicológica extrema ou uma dissociação profunda entre diferentes aspectos de sua experiência.

A ambiguidade sobre a real vontade de Gustavo nos assassinatos, que é um dos focos centrais do livro-reportagem, reflete questões filosóficas e psicológicas fundamentais sobre livre-arbítrio, determinismo psicológico e a natureza da responsabilidade moral. Em que medida Gustavo escolheu conscientemente matar sua família? Em que medida foi impelido por forças psicológicas que escapavam ao seu controle consciente? Estas questões permanecem sem respostas definitivas.

O caso também levanta questões importantes sobre a detecção e prevenção de comportamentos violentos extremos. A aparente ausência de sinais de alerta antes dos crimes de Gustavo desafia os modelos tradicionais de escalada da violência e sugere limitações significativas em nossa capacidade de prever atos violentos, especialmente quando cometidos por indivíduos sem histórico prévio de agressão.

5 METODOLOGIA

A pesquisa para a produção do livro-reportagem "Os Corpos Ainda Estão Em Casa: A Tragédia de Gustavo Pissardo" foi desenvolvida seguindo uma abordagem metodológica qualitativa, com múltiplas estratégias de coleta e análise de dados. Esta seção detalha os procedimentos metodológicos adotados, os instrumentos de coleta, os critérios de seleção de fontes e as etapas da pesquisa.

5.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa adotou uma abordagem predominantemente qualitativa, considerada a mais adequada para investigar fenômenos complexos que envolvem aspectos psicológicos, sociais e culturais. Esta abordagem permitiu uma compreensão mais profunda e contextualizada do caso Gustavo Pissardo, explorando não apenas os fatos objetivos, mas também as interpretações, percepções e significados atribuídos ao caso por diferentes atores sociais. A natureza do trabalho exigiu uma combinação de métodos de pesquisa histórica, jornalística e psicossocial, permitindo uma triangulação de dados que fortaleceu a validade das informações coletadas e das análises realizadas.

5.2. PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental constituiu um pilar fundamental da metodologia, envolvendo a coleta, análise e interpretação de diversos tipos de documentos:

- Reportagens jornalísticas: Foram analisadas sistematicamente reportagens publicadas em jornais e revistas entre 1994 e 2024, com ênfase especial na cobertura da Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, O Vale e G1. Esta análise permitiu reconstruir a cronologia dos eventos, identificar as narrativas predominantes sobre o caso e observar como a percepção pública evoluiu ao longo do tempo.

- Registros audiovisuais: Foram analisados programas de televisão e vídeos online sobre o caso, que ofereceram perspectivas adicionais e, em alguns casos, imagens de arquivo valiosas para a contextualização visual do caso.

- Literatura especializada: Foram consultados livros, artigos acadêmicos e estudos sobre psicologia criminal, crimes familiares e jornalismo de true crime, que forneceram marcos teóricos para a análise do caso.

5.3. ENTREVISTAS

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas que tiveram contato direto ou indireto com o caso:

- Jornalistas: Foram entrevistados repórteres que cobriram o caso na época ou que realizaram reportagens retrospectivas sobre o tema, como Júlio Ottoboni, do Estadão e Isnar Teles, da antiga Folha Vale.

- Moradores de São José dos Campos: Foram coletados depoimentos de pessoas que viviam na cidade na época dos crimes e que puderam relatar o impacto do caso na comunidade local. O principal relato, que entrou no trabalho final, foi o de Rafael Vianna, usado no primeiro capítulo do livro.

Outros moradores que preferiram não se identificar também deram algum tipo de depoimento, que não foi utilizado diretamente, mas como inspiração para diálogos e ambientação da história. Um dos exemplos foi um ex-colega de trabalho de Gumercindo e Gustavo, que compartilhou informações sobre como os dois eram no trabalho e como foi o processo de descoberta da população de que o autor dos crimes seria Gustavo. Sua entrevista não foi utilizada diretamente, porém o conhecimento passado por ele, foi aplicado na narrativa de formas secundárias.

Além de que foi estabelecido contato com o advogado que realizou a defesa de Gustavo Pissardo, este que não quis contribuir com a pesquisa, e outros moradores

que não entraram no trabalho final.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, mas sendo guiadas como uma conversa, permitindo flexibilidade para explorar temas emergentes durante as conversas. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos participantes e posteriormente transcritas para análise

5.4. OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Mesmo que os critérios de avaliação para o que deveria ou não ser apurado, não incluísse teorias religiosas, foi realizada uma visita até a casa onde a família Pissardo foi assassinada em São José dos Campos (atualmente um petshop), onde conversei com alguns funcionários, uma delas que trabalha no estabelecimento há quase dez anos e questionei sobre os boatos de que a casa seria um ambiente “pesado de trabalho”, por conta da história do local. Os funcionários negaram qualquer tipo de experiência diferente ou paranormal.

Estas visitas permitiram uma compreensão mais concreta dos espaços físicos relacionados ao caso e contribuíram para a construção de uma narrativa mais vívida e contextualizada, além de abolir qualquer possibilidade de abordagem sobre a história da casa pós os crimes, que não pareceram tão interessantes para a narrativa.

5.5. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE FONTES

A seleção de fontes seguiu critérios rigorosos para garantir a qualidade e a confiabilidade das informações

- Relevância: Foram priorizadas fontes com conexão direta com o caso ou com conhecimento especializado relevante.

- Credibilidade: Foi avaliada a reputação e a expertise das fontes, priorizando aquelas com reconhecida autoridade em suas áreas.

- Diversidade de perspectivas: Buscou-se incluir múltiplos pontos de vista para evitar vieses e oferecer uma visão mais completa e equilibrada do caso.

- Atualidade e historicidade: Foram valorizadas tanto fontes contemporâneas aos eventos quanto análises mais recentes, permitindo uma compreensão da evolução das interpretações sobre o caso.

5.6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram analisados seguindo procedimentos qualitativos:

- Análise de conteúdo: Os documentos e transcrições de entrevistas foram submetidos a uma análise de conteúdo temática, identificando padrões, temas recorrentes e categorias significativas.

- Análise narrativa: Foi realizada uma análise das estruturas narrativas presentes nas diferentes fontes, observando como o caso foi enquadrado e quais elementos foram enfatizados ou minimizados em diferentes momentos e contextos.

- Triangulação: As informações obtidas de diferentes fontes foram comparadas e contrastadas, buscando convergências e divergências que pudessem enriquecer a compreensão do caso.

5.7. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa foi conduzida com rigorosa observância de princípios éticos:

- Respeito pela memória das vítimas: Buscou-se tratar com dignidade e sensibilidade a memória dos familiares assassinados por Gustavo Pissardo.

- Equilíbrio e imparcialidade: Procurou-se apresentar os fatos e interpretações de forma equilibrada, evitando sensacionalismo ou julgamentos precipitados.

- Consentimento informado: Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e consentiram com a utilização de seus depoimentos

- Confidencialidade: Quando solicitado ou quando considerado apropriado, foi preservada a identidade de fontes sensíveis.

6 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

É importante reconhecer algumas limitações metodológicas enfrentadas durante a pesquisa:

- Acesso limitado a Gustavo Pissardo: Mesmo com uma rede social com um nome diferente, foi possível entrar em contato com Gustavo Pissardo, porém, o autor

dos crimes e personagem principal da obra preferiu ignorar qualquer tentativa de contato, e manteve sua posição de se manter recluso de qualquer tipo de entrevista.

- **Documentos sigilosos:** Alguns documentos judiciais e médicos permanecem sob sigilo, limitando o acesso a informações potencialmente relevantes.

- **Memória dos entrevistados:** O longo tempo decorrido desde os eventos (quase 30 anos) pode afetar a precisão das memórias dos entrevistados. Alguns depoimentos, por exemplo, tiveram informações cruzadas, e nesses casos, foram realizadas análises do que mais era replicado pela imprensa e especialistas, e a versão mais próxima entrava na narrativa.

- **Viés retrospectivo:** A análise de eventos passados a partir do conhecimento atual pode introduzir interpretações anacrônicas ou distorcidas.

Estas limitações foram consideradas durante a análise e interpretação dos dados, buscando-se sempre contextualizar adequadamente as informações e reconhecer os limites do conhecimento disponível.

7 PLANEJAMENTO PRELIMINAR DA PEÇA JORNALÍSTICA

Este capítulo apresenta o planejamento detalhado do livro-reportagem "Os Corpos Ainda Estão Em Casa: A Tragédia de Gustavo Pissardo", incluindo sua estrutura narrativa, abordagem estilística e recursos jornalísticos a serem utilizados.

7.1. CONCEITO EDITORIAL

O livro-reportagem foi desenvolvido como uma obra de jornalismo literário no subgênero true crime, combinando rigor investigativo com técnicas narrativas que proporcionem uma leitura envolvente. A obra buscou um equilíbrio entre:

- **Precisão factual:** Compromisso com a veracidade e a precisão das informações apresentadas, baseadas em pesquisa documental e entrevistas.

- **Profundidade analítica:** Exploração das dimensões psicológicas, sociais e culturais do caso, indo além dos fatos superficiais através de um narrador observador onisciente, que replicava falas reais de Pissardo e personagens envolvidos através da narrativa.

•Qualidade narrativa: Utilização de técnicas literárias para construir uma narrativa envolvente, sem comprometer o compromisso com a verdade factual.

•Sensibilidade ética: Tratamento respeitoso da memória das vítimas e abordagem equilibrada da figura de Gustavo Pissardo, evitando tanto a demonização quanto a glamourização.

•Liberdade criativa: Para uma melhor construção de uma narrativa sólida, que alcançasse o objetivo de prender a atenção do autor, situações torpes, de pouca importância para o factual da obra, foram criadas para o estabelecimento de uma melhor narrativa.

7.2. ESTRUTURA DO LIVRO

O livro-reportagem foi estruturado em 13 capítulos, além de Agradecimentos, totalizando aproximadamente 195 páginas. A estrutura que reflete o conteúdo final do livro é a seguinte:

Capítulo 1: Apenas mais uma tragédia

- Início da narrativa com a perspectiva do vizinho (Rafael).
- O retorno da família da praia e a descoberta da multidão na frente da casa dos Pissardo.
- Introdução do horror e do impacto da tragédia no bairro.

Capítulo 2: Fantasia em D menor

- Foco na dor de cabeça de Gustavo.
- A ida ao hospital com o pai (Gumerindo) e a consulta médica.
- A "calma antes da tempestade" e a introdução do medicamento Lisador.

Capítulo 3: Gustavo quem?

- O despertar de Gustavo e a luta interna contra a "força".
- A descrição detalhada dos assassinatos de sua irmã (Maria Paula) e mãe (Adelaide).
- A fuga do pai e seu assassinato.

Capítulo 4: Clair de Lune

- A fuga de Gustavo e a viagem a Campinas.
- O descarte de objetos na ponte.
- A luta interna entre o plano de matar os avós e o pedido de ajuda.
- O assassinato dos avós (João e Antônio).

Capítulo 5: Os corpos ainda estão em casa

- O retorno de Gustavo a São José dos Campos.
- A ida ao shopping para comprar roupas de praia.
- A viagem para Caraguatatuba com a namorada (Cristina) e a família dela.

- A tentativa de normalidade após os crimes.

Capítulo 6: Fofoca de vizinhança

- O retorno da praia e a ida à delegacia para registrar o "desaparecimento" da família.
- A reação dos vizinhos e a entrada do jornalista (Isnar) na história.
- A desconfiança policial e a quebra do álibi.

Capítulo 7: Dor, lágrimas e despedida

- O velório das vítimas.
- A chegada do irmão (Adriano) e o confronto emocional.
- A pressão da mídia e o início da desconfiança pública.

Capítulo 8: Beco sem saída

- O interrogatório com o Delegado Vallias.
- A confissão detalhada dos crimes.
- O relato da tentativa de simular um latrocínio.

Capítulo 9: Por que?

- A internação de Gustavo no Hospital Psiquiátrico Chuí.
- O início das avaliações psiquiátricas.
- A conversa com o Dr. Marco sobre as motivações, a "força" e os sonhos recorrentes.

Capítulo 10: A Tragédia de Gustavo Pissardo

- O julgamento de Gustavo.
- A descrição do ambiente, o depoimento de Gustavo e a condenação.
- O foco na cobertura midiática e no espetáculo do julgamento.

Capítulo 11: Recluso e Fora dos Radares

- A vida de Gustavo na prisão e a progressão para o regime semiaberto.
- O foco na sua reclusão e no afastamento da mídia.

Capítulo 12: Os Porquês

- Análise das motivações e das hipóteses levantadas.
- A exploração da tese da doença mental e a crítica à simplificação do caso pela opinião pública.

Capítulo 13: Visões de uma tragédia

- Imagens do caso compartilhadas pela TV Vanguarda.

7.3. ABORDAGEM NARRATIVA

O livro adotou uma abordagem narrativa que combina elementos de diferentes tradições jornalísticas e literárias:

•Narrador observador: A narrativa foi conduzida predominantemente por um narrador em terceira pessoa, que observa e relata os eventos com distanciamento crítico, mas também com sensibilidade para os aspectos humanos da história.

- Cenas reconstituídas: Foram utilizadas técnicas de reconstrução de cenas baseadas em depoimentos, documentos e evidências, permitindo ao leitor visualizar os eventos de forma vívida.

- Perfis aprofundados: Foram desenvolvidos perfis detalhados dos principais personagens, especialmente de Gustavo Pissardo e dos membros de sua família, buscando humanizá-los sem romantização, através da narrativa.

- Contextualização histórica e social: Os eventos foram contextualizados no ambiente histórico, social e cultural de São José dos Campos nos anos 1990, explorando como esse contexto pode ter influenciado os acontecimentos.

- Múltiplas perspectivas: Foram apresentadas diferentes perspectivas sobre o caso, incluindo visões de jornalistas, vizinhos e outros personagens reais, permitindo uma compreensão mais nuançada e complexa.

7.4. RECURSOS ESTILÍSTICOS E JORNALÍSTICOS

Para enriquecer a narrativa e aprofundar a compreensão do caso, foram utilizados diversos recursos estilísticos e jornalísticos:

- Descrições detalhadas: Utilização de descrições ricas e detalhadas de ambientes, pessoas e situações, baseadas em pesquisa documental e entrevistas.

- Diálogos reconstruídos: Inclusão de diálogos reconstruídos a partir de depoimentos, transcrições das entrevistas e entrevistas, sempre com indicação clara de suas fontes.

- Elementos visuais: Inclusão de fotografias que complementem o texto e auxiliem na compreensão dos eventos e contextos.

Para a elaboração da capa e contracapa, foram analisados diversos estilos potenciais de arte, e no final, a artista Luiza Boccitini, amiga do autor, se voluntariou a desenhar capa e contracapa. Usando fotos como base para chegar ao resultado final.

A escolha da capa ser preto e branco, com a única cor, sendo o vermelho do sangue, traz um significado oculto, mostrando que a história de Gustavo Pissardo foi tratada “preto no branco”, sem análises frias por parte da mídia da época, e sim, com sensacionalismo em cima do caso.

7.5. QUESTÕES ÉTICAS E EDITORIAIS

O desenvolvimento do livro-reportagem foi guiado por considerações éticas rigorosas:

- Respeito às vítimas: Tratamento respeitoso da memória dos familiares assassinados, evitando detalhes sensacionalistas ou desnecessariamente gráficos.
- Equilíbrio na representação: Apresentação equilibrada de Gustavo Pissardo, evitando tanto a demonização quanto a glamourização ou vitimização indevida.
- Transparência metodológica: Explicitação clara das fontes de informação e dos métodos utilizados para reconstruir eventos e interpretar comportamentos
- Contextualização responsável: Cuidado para não generalizar indevidamente a partir do caso específico, reconhecendo sua singularidade e evitando alimentar pânicos morais injustificados.
- Sensibilidade cultural: Atenção às dimensões culturais e sociais do caso, evitando interpretações etnocêntricas ou descontextualizadas.

7.6. PÚBLICO-ALVO E DISTRIBUIÇÃO

O livro-reportagem foi direcionado a um público amplo, incluindo:

- Leitores interessados em true crime e jornalismo investigativo
- Estudantes e profissionais de jornalismo, direito, psicologia e ciências sociais
- Moradores de São José dos Campos e região, interessados em um caso que marcou a história local
- Público geral interessado em compreender aspectos complexos do comportamento humano e da justiça criminal

A distribuição foi planejada para alcançar este público diversificado, incluindo:

- Publicação em formato impresso e digital
- Divulgação em redes sociais e plataformas especializadas
- Lançamentos em livrarias e eventos acadêmicos
- Parcerias com instituições de ensino e pesquisa

7.7. CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO

A produção do livro-reportagem seguiu um cronograma detalhado, dividido em fases:

- Fase 1 (2 meses): Pesquisa documental aprofundada e elaboração do plano detalhado
- Fase 2 (2 meses): Realização de entrevistas e visitas a locais relevantes
- Fase 3 (1 mês): Análise e organização do material coletado
- Fase 4 (3 meses): Redação dos capítulos
- Fase 5 (1 mês): Revisão, edição e finalização
- Fase 6 (1 mês): Preparação para publicação e divulgação

Este planejamento preliminar servirá como guia para o desenvolvimento do livro-reportagem, estando sujeito a ajustes conforme o processo de pesquisa e redação avance e novas informações ou perspectivas sejam incorporadas.

7.8. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Item	Descrição da Fase	Período	Status
1	Definição do tema e escopo do projeto	Janeiro/2025	Concluído
2	Elaboração do projeto inicial	Janeiro/2025	Concluído
3	Pesquisa bibliográfica inicial	Fevereiro/2025	Concluído
4	Levantamento de reportagens da época	Fevereiro/2025	Concluído
5	Identificação e contato com potenciais entrevistados	Fevereiro-Março/2025	Concluído
6	Realização de entrevistas	Março/2025	Concluído
7	Visitas a locais relevantes	Março/2025	Concluído
8	Análise e organização do material coletado	Março-Abril/2025	Concluído
9	Elaboração da estrutura detalhada do livro	Abril/2025	Concluído
10	Redação dos capítulos 1-3	Abril/2025	Concluído
11	Redação dos capítulos 4-7	Abril-Maio/2025	Concluído
12	Redação dos capítulos 8-11	Maio/2025	Concluído
13	Redação da introdução, conclusão e epílogo	Maio/2025	Concluído
14	Revisão e edição do texto	Maio/2025	Concluído
15	Elaboração do Memorial Descritivo	Maio/2025	Concluído
16	Preparação para apresentação à banca	Junho/2025	Concluído
17	Apresentação à banca avaliadora	Junho/2025	Concluído
18	Revisão pós-banca e finalização	Junho-Julho/2025	Concluído
19	Entrega da versão final	Novembro/2025	Concluído

7.9. PRÉ-ORÇAMENTO

ITEM	QUANTIDADE	VALOR
Câmera fotográfica Canon 6D		R\$ 6.300,00
Lente Canon Ef 50mm F/1.8		R\$ 960,00

Notebook Acer Nitro V, Intel Core i7 13a Geração, 16GB, RTX 4050		R\$ 5.199,00
Livro: A Longa Noite do Suicídio de Uma Alma		R\$ 30,00
Criação de capa, lombada, quarta-capa e orelhas		R\$600,00
Diagramação		R\$1.020,00
ISBN, Ficha Catalográfica e Código de Barras e versão e-book		R\$480,00
Revisão ortográfica		R\$420,00
Arte da capa		R\$50,00
Exemplares físicos	100	R\$1.555,00
Total		R\$ 16.614,00

8 TRAJETÓRIA PRISIONAL

A trajetória prisional de Gustavo Pissardo, que se estende por quase três décadas desde sua prisão em outubro de 1994 até o presente, oferece um estudo de caso significativo sobre o sistema penitenciário brasileiro e os processos de progressão de regime. Esta trajetória pode ser dividida em várias fases distintas, cada uma refletindo diferentes aspectos do cumprimento de sua pena de 42 anos.

8.1. FASE INICIAL: CASA DE CUSTÓDIA DE TAUBATÉ (1994-2001)

Após sua condenação, Gustavo foi inicialmente encaminhado para a Casa de Custódia de Taubaté, uma unidade prisional de segurança máxima conhecida por abrigar presos considerados de alta periculosidade. Durante este período, que durou aproximadamente sete anos, Gustavo esteve sob regime fechado, com restrições significativas de movimento e contato com o mundo exterior. A Casa de Custódia de Taubaté, na época dirigida por José Ismael Pedrosa, tinha uma reputação de rigidez disciplinar. Foi neste ambiente que Gustavo iniciou seu processo de adaptação à vida prisional e começou a receber acompanhamento psiquiátrico mais sistemático.

Durante este período, Gustavo manteve um comportamento descrito como disciplinado e introspectivo. Não há registros de envolvimento em rebeliões, conflitos com outros detentos ou infrações disciplinares graves. Esta conduta, somada às avaliações psiquiátricas que não indicavam periculosidade imediata, começou a construir o histórico que posteriormente embasaria seus pedidos de progressão de regime.

8.2. FASE INTERMEDIÁRIA: PRESÍDIOS DE PRESIDENTE VENCESLAU E TUPI PAULISTA (2001-2008)

Em 2001, Gustavo foi transferido da Casa de Custódia de Taubaté para outras unidades prisionais, incluindo períodos nos presídios de Presidente Venceslau e Tupi Paulista. Esta fase, que durou aproximadamente sete anos, ainda sob regime fechado, representou uma transição para condições menos restritivas, embora ainda dentro dos parâmetros de segurança máxima. Durante este período, Gustavo continuou a manter um comportamento disciplinado e começou a participar mais ativamente de programas

educacionais e laborais disponíveis nas unidades. Estas atividades, além de ocuparem seu tempo, contribuíram para a remição de parte de sua pena (a cada três dias de trabalho, um dia é reduzido da pena total) e para a construção de um histórico positivo de comportamento carcerário.

As avaliações psicológicas e psiquiátricas realizadas durante esta fase continuaram a não identificar sinais de periculosidade imediata ou tendências violentas, o que seria crucial para seus futuros pedidos de progressão de regime.

8.3. PROGRESSÃO PARA REGIME SEMIABERTO: PENITENCIÁRIA DE MIRANDÓPOLIS (2008-2014)

Em 2008, após cumprir aproximadamente 14 anos de sua pena em regime fechado, Gustavo obteve progressão para o regime semiaberto e foi transferido para a Penitenciária de Mirandópolis. Esta decisão judicial representou um marco significativo em sua trajetória prisional, reconhecendo seu bom comportamento carcerário e a ausência de indicadores de periculosidade.

No regime semiaberto, Gustavo passou a ter direito a saídas temporárias em datas específicas (como feriados e datas comemorativas) e a possibilidade de trabalho externo durante o dia, retornando à unidade prisional à noite. Estas novas condições representaram um teste importante de sua readaptação gradual à vida em sociedade.

Em 2012, houve uma tentativa do Ministério Público de reverter esta decisão e retorná-lo ao regime fechado, argumentando a gravidade dos crimes cometidos. No entanto, a Justiça manteve o regime semiaberto, baseando-se no comportamento exemplar de Gustavo durante o cumprimento de sua pena e nas avaliações técnicas que não indicavam riscos significativos.

8.4. PROGRESSÃO PARA REGIME ABERTO: SOROCABA (2014-PRESENTE)

Em 2014, após aproximadamente 20 anos de prisão, Gustavo progrediu para o regime aberto e foi transferido para Sorocaba. No regime aberto, ele passou a residir em uma casa de albergado ou em residência particular, com a obrigação de trabalhar durante o dia e recolher-se à noite e nos dias de folga.

Em Sorocaba, Gustavo estabeleceu uma empresa de pintura, demonstrando capacidade de reinserção no mercado de trabalho. Em 2017, casou-se, formando uma nova família. Estas conquistas pessoais e profissionais são frequentemente citadas como indicadores de sua reabilitação e readaptação social.

Atualmente, Gustavo continua cumprindo sua pena em regime aberto em Sorocaba, com previsão de término entre 2033 e 2034, quando terá aproximadamente 60 anos de idade. Ele mantém uma vida discreta, evitando exposição midiática, embora seu caso continue a ser revisitado periodicamente pela imprensa, especialmente em datas significativas como aniversários dos crimes.

8.5. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA PRISIONAL

A trajetória prisional de Gustavo Pissardo ilustra diversos aspectos do sistema penitenciário brasileiro e da filosofia de reabilitação que, ao menos em teoria, o fundamenta. O sistema progressivo de cumprimento de pena, que permite a transição gradual do condenado de regimes mais restritivos para regimes mais brandos, baseia-se na premissa de que esta progressão facilita a readaptação social e reduz as chances de reincidência.

No caso de Gustavo, sua progressão de regime seguiu os parâmetros legais estabelecidos, baseando-se em seu comportamento carcerário, nas avaliações técnicas e no cumprimento dos requisitos temporais (ter cumprido um sexto da pena para a primeira progressão).

9 REPERCUSSÃO MIDIÁTICA E SOCIAL

O caso Gustavo Pissardo gerou intensa repercussão midiática e social desde o momento em que os crimes foram descobertos, em outubro de 1994, até o presente. A cobertura do caso e as reações sociais a ele evoluíram ao longo das décadas, refletindo mudanças nas práticas jornalísticas, nas sensibilidades sociais e nas compreensões sobre criminalidade e saúde mental.

9.1. COBERTURA MIDIÁTICA INICIAL (1994-1995)

A descoberta dos cinco assassinatos provocou uma cobertura midiática imediata e intensa. Jornais como a Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo

dedicaram manchetes e páginas inteiras ao caso. A televisão transmitiu imagens de Gustavo sendo levado à delegacia e, posteriormente, de seu julgamento.

A cobertura inicial foi caracterizada por elementos sensacionalistas que refletiam as práticas jornalísticas da época. Manchetes impactantes, descrições detalhadas das cenas dos crimes e especulações sobre as motivações de Gustavo eram comuns. O contraste entre a brutalidade dos crimes e o perfil aparentemente normal de Gustavo foi um tema recorrente, frequentemente enquadrado em narrativas que enfatizavam o choque e a incompreensibilidade dos atos.

As reportagens frequentemente incluíam entrevistas com vizinhos, conhecidos e especialistas que expressavam perplexidade diante dos crimes. A falta de um motivo claro alimentava especulações, que iam desde teorias sobre conflitos familiares ocultos até hipóteses sobre influências demoníacas ou uso de drogas, apesar da ausência de evidências que sustentassem estas explicações.

9.2. COBERTURA DO JULGAMENTO E CONDENAÇÃO (1995-1998)

Durante o julgamento de Gustavo, a cobertura midiática se intensificou novamente. O processo judicial foi acompanhado de perto pela imprensa, com reportagens detalhadas sobre as audiências, os depoimentos de testemunhas e as análises psiquiátricas apresentadas.

Nesta fase, observou-se um maior aprofundamento nas questões psicológicas e nas possíveis motivações de Gustavo. As reportagens começaram a incorporar mais vozes especializadas, como psiquiatras e criminologistas, que ofereciam interpretações mais nuançadas sobre o caso.

A sentença inicial de 63 anos, posteriormente reduzida para 42 anos, foi amplamente noticiada e gerou debates sobre a adequação das penas para crimes graves no Brasil. Algumas reportagens questionavam se mesmo a pena máxima seria suficiente para um crime de tal magnitude, enquanto outras começavam a explorar questões sobre saúde mental e responsabilidade criminal.

O caso ficou dividido principalmente como dois pontos de vista na época, a visão dos psiquiatras, que defendiam que Gustavo tinha de fato problemas mentais, e que ele poderia acabar repetindo os homicídios ou atentar contra a própria vida caso ficasse no sistema prisional. Do outro lado, havia o posicionamento levantado por

policiais da época, que levantavam a possibilidade de ser parte da premeditação do crime.

9.3. COBERTURA POSTERIOR E REVISITAÇÕES PERIÓDICAS (1998-PRESENTE)

Após a condenação, o caso continuou a ser revisitado pela mídia em momentos específicos, como aniversários dos crimes, decisões judiciais sobre progressão de regime e datas significativas na trajetória prisional de Gustavo.

Em 2008, quando Gustavo obteve progressão para o regime semiaberto após 14 anos de prisão, houve uma nova onda de cobertura midiática. Algumas reportagens questionavam a decisão judicial, argumentando que a gravidade dos crimes justificaria um período mais longo em regime fechado. Outras adotavam uma abordagem mais focada na reabilitação e nas evidências de bom comportamento carcerário de Gustavo.

Em 2014, sua progressão para o regime aberto e transferência para Sorocaba gerou nova atenção midiática. Reportagens desta época frequentemente contrastavam o jovem que havia cometido os crimes com o homem de meia-idade que agora buscava reconstruir sua vida.

Em 2024, ao completar 30 anos dos crimes, o caso voltou a ser tema de reportagens especiais em diversos veículos. Estas matérias mais recentes tendem a adotar uma abordagem mais reflexiva, contextualizando o caso dentro da história criminal brasileira e explorando suas implicações para nossa compreensão da mente humana e do sistema judicial.

REFERÊNCIAS

OVALE. **Após matar os pais e a irmã em S. José, Gustavo Pissardo dirigiu 140 km e matou os avós.** O Vale, São José dos Campos, 10 de abril de 2024.
<https://sampi.net.br/ovale/noticias/2825802/vale-do-paraiba/2024/04/apos-matar-os-pais-e-a-irma-em-sjose-gustavo-pissardo-dirigiu-140-km-e-matou-os-avos>

OVALE. **Matou os pais, a irmã, os avós e foi à praia: após 30 anos, onde está Gustavo Pissardo?** O Vale, São José dos Campos, 8 de abril de 2024.
<https://sampi.net.br/ovale/noticias/2825337/vale-do-paraiba/2024/04/matou-os-pais-a-irma-os-avos-e-foi-a-praia-apos-30-anos-onde-esta-gustavo-pissardo>

ANDERSON, C. W. **Apostando no jornalismo:** o futuro das notícias na era da instabilidade. São Paulo: Sulina, 2018.

Assassino de família é condenado a 63 anos. Folha de S.Paulo, São Paulo, 11 de agosto de 1998.

Assassino de família vai para regime semiaberto. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23 de agosto de 2001.

CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTOFOLETTI, R.; KARAM, F. J. **Fundamentos jornalísticos para novos cenários éticos da informação.** *In*: SILVA, G. et al. (org.). **Jornalismo contemporâneo:** figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2011.

Condenado por matar família há 18 anos em São José continuará preso. G1 Vale do Paraíba e Região, 11 de dezembro de 2012. <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/12/condenado-por-matar-familia-ha-18-anos-em-sao-jose-continuara-preso.html>

Estudante mata família e tenta suicídio. Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 de outubro de 1994.

Estudante que matou família vai a júri. Folha de S.Paulo, São Paulo, 7 de outubro de 1994.

FORTES, L. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2012.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

LOPES, D. F. **Jornal laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 2003.

NASCIMENTO, S. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

Pissardo é condenado a 63 anos de prisão. Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 de abril de 1997. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff040435.htm>

SEQUEIRA, C. M. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

TJ reduz pena de Pissardo em 20 anos. Folha de S.Paulo, São Paulo, 26 de fevereiro de 1999. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/vale/vl26029901.htm>

VÍDEO: 1994 - **Gustavo Pissardo mata familiares e vai ao enterro.** g1 Vale do Paraíba e Região, 5 de dezembro de 2012. <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/video/1994-gustavo-pissardo-mata-familiares-e-vai-ao-enterro-2110590.ghtml>

VITTI, Marco António. ****A Longa Noite do Suicídio de uma Alma****. São Paulo: [s.n.], [199-?].

WAISBORD, S. **Watchdog journalism in South America**: news, accountability, and democracy. New York: Columbia University Press, 2000.

ANEXO A – FICHA DE ORIENTAÇÃO




FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Gabriel Moreira de Melo Ass.: [Assinatura]
 Data: 15/11/2025

Temas discutidos:
Forma de guia de manuseio de ferro preso
em uma espécie típica de concreto

Desenvolver:
Conhecimento de nível, forma de guia a
pressão com pressão

Próxima reunião: 19/11/2025
 Assinatura do orientador: [Assinatura]

Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -
 www.univap.br

ANEXO B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO

Todas as entrevistas foram previamente autorizadas, conforme os termos de autorização de entrevista, imagem e som disponíveis no Anexo B deste trabalho.

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Rebeca Oliveira de Ass. Ass.: Carla

Data: 19/06/25

Temas discutidos:

Discussão sobre formas de disseminação de livros

Desenvolver:

pesquisa de levantamento de livros

Próxima reunião: 19/08/25

Assinatura do orientador: [Assinatura]

 Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -
www.univap.br

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Geórgia Oliveira de Melo Ass.: Carla

Data: 14/08/25

Temas discutidos:

possibilidade de entrega concluinte

Desenvolver:

tratar falar com pessoas próximas do amigo

Próxima reunião: 11/9/25

Assinatura do orientador: [Assinatura]

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Gabriel Moreno de Melo Ass.: [Assinatura]

Data: 11/09/2025

Temas discutidos:

Conexão e melhoria do trabalho

Desenvolver:

Consequência problema

Próxima reunião: 16/10/25

Assinatura do orientador: [Assinatura]

 Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -
www.univap.br

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Roberto Manoel de Melo Ass.: [assinatura]

Data: 16/10/25

Temas discutidos:

Análise e conexão dos problemas

Desenvolver:

Análise

Próxima reunião: 1

Assinatura do orientador: [assinatura]

